

**A EXPERIÊNCIA DO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DO CORPO E A
PASSABILIDADE EM MULHERES TRANS: UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA
PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

**THE EXPERIENCE OF THE BODY TRANSFORMATION PROCESS AND
PASSABILITY IN TRANS WOMEN: AN UNDERSTANDING FROM A
PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL PSYCHOLOGY PERSPECTIVE**

Isabella Marques Assis

Maria Eduarda Pestana de Melo

Orientadora: Martha Ethel Steytler

RESUMO

A transexualidade pode ser compreendida como a divergência entre a identidade do gênero com a qual o indivíduo se identifica e o seu sexo biológico, e pode levar a sentimentos de tristeza, angústia elevada e infelicidade. Essa condição é designada como disforia de gênero. Viver em um corpo que não corresponde ao próprio gênero, pode causar sofrimento intenso. O objetivo desse estudo é compreender, como é para mulheres trans, a vivência do processo de transformação do corpo e a passabilidade. Seguindo as normas éticas vigentes, foram realizadas entrevistas abertas com duas mulheres transgêneras a partir da questão norteadora “conte-me: como é para você, o processo de transição de gênero?”, preservando o que Husserl (1965) entende como suspensão das crenças, preconceitos e pressupostos naturais sobre as coisas. Assim, a análise compreensiva dos dados obtidos, descartou qualquer conhecimento prévio sobre o tema, e foi realizada a partir da proposta de Amadeo Giorgi (1970b, 1986, 2009). O processo de transição de gênero comporta múltiplas vivências, desveladas nas seguintes unidades de significado e sentido: Identidade; Corporeidade; Relações Interpessoais e o ser-com; Tempo Suspenso da Existência; Ser-Mulher; Impacto da Sociedade; Passabilidade.

Palavras-chaves: mulheres trans; identidade de gênero; corporeidade.

ABSTRACT

Transsexuality can be understood as the divergence between the gender identity with which an individual identifies and their biological sex, and it may lead to feelings of sadness, heightened distress, and unhappiness. This condition is referred to as gender dysphoria. Living in a body that does not correspond to one's own gender can cause intense suffering. The aim of this study is to understand how trans women experience the process of bodily transformation and passability. In accordance with current ethical standards, open interviews were conducted with two transgender women based on the guiding question: "Tell me, what is the gender transition process like for you?", preserving what Husserl (1965) describes as the suspension of beliefs, prejudices, and natural assumptions about things. The analysis and understanding of the data obtained disregard any prior knowledge on the subject and were carried out following the approach proposed by Amadeo Giorgi (1970b, 1986, 2009). The process of gender transition encompasses multiple experiences, revealed in the following units of meaning and sense: Identity; Corporeality; Interpersonal Relationships; Suspended Time of Existence; Being a Woman; Impact of Society; Passability.

Keywords: trans women; gender identity; corporeity

INTRODUÇÃO

Identidade de gênero é aquilo que diz respeito ao modo como a pessoa se sente e se reconhece: segundo a American Psychological Association (APA, 2015), identidade de gênero é "a vivência interna e individual do gênero, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído ao nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo e outras formas de expressão de gênero". Essa identidade constitui o cerne da experiência das pessoas transgênero.

Para Judith Butler (2003), o gênero não é uma essência fixa, mas uma construção performativa, ou seja, é produzido e reproduzido por meio de atos, discursos e normas sociais: "o gênero é uma construção social cujos efeitos se concretizam por meio de uma repetição ritualizada de atos" (Butler, 2003, p. 190).

A orientação sexual, difere-se da transgeneridade em aspectos fundamentais, ao passo que, a palavra "trans" vem de "transgênero", significando que a identidade

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

de gênero da pessoa não corresponde ao sexo que lhe foi atribuído ao nascer, enquanto orientação sexual refere-se a como uma pessoa se sente atraída afetiva, romântica e/ou sexualmente por outras pessoas, dizendo respeito a quem desperta esse interesse, independentemente do gênero da própria pessoa. Como esclarece a APA (2015), “ser transgênero não determina a orientação sexual de uma pessoa”, ou seja, uma pessoa trans pode se identificar como heterossexual, homossexual, bissexual, assexual, entre outras possibilidades.

Dito isso, mulheres trans são pessoas que, ao nascer, foram designadas como pertencentes ao gênero masculino (com base em características biológicas), mas que posteriormente identificaram-se com o gênero feminino. Em outras palavras, uma mulher trans é uma mulher cuja identidade de gênero é feminina, mesmo que o corpo com que nasceu tenha sido reconhecido como masculino segundo os critérios tradicionais. Essa dissociação entre corpo e identidade, segundo Butler (2003, p. 45), evidencia os limites de uma concepção essencialista de gênero, reforçando que “o corpo, por si só, não determina o gênero; o gênero é reiterado por práticas e discursos normativos”.

A aspiração por uma mudança de sexo manifestava-se muito antes que o conceito de “transexualismo” fosse cunhado. Conforme aponta Laqueur (2001, p. 177), durante boa parte do século XVII, o entendimento de sexo era preponderantemente sociológico e não ontológico. Desse modo, a identidade de ser homem ou mulher estava atrelada à preservação de uma posição social e ao desempenho de um papel cultural, e não a uma vinculação essencialmente orgânica a um sexo específico. Em 1964, Stoller realizou uma distinção inicial crucial ao separar o sexo, que se refere à dimensão anatômica, da identidade, que abrange os aspectos social e psíquico. Nessa perspectiva, o gênero passa a descrever o sentimento de identidade sexual (social ou psíquico), enquanto o sexo permanece como a designação da estrutura anatômica que diferencia o macho da fêmea. A socióloga brasileira Heleieth Saffioti, em seu livro *Gênero, patriarcado, violência* (Saffioti, 2004), adota o conceito de gênero e expande sua definição, considerando-o igualmente como uma categoria histórica.

Estes dois conceitos, comumente confundidos, sexo e gênero, se diferem em seus determinantes. Sexo determinado por suas características físicas como anatomia e cromossomos, e gênero determinado por atributos sociais e

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

autoidentificação do indivíduo por um grupo. O uso destes termos como sinônimos resulta em uma visão limitada e inadequada (Irineu *et al.*, 2024).

O processo de transição de gênero, onde se abandona as características fisiológicas determinadas biologicamente em busca de uma nova identidade compatível com as experiências e vivências do corpo e da mente, caracteriza as pessoas transgêneras.

A questão que ele apresenta em relação à sua identidade sexual gira em torno da disjunção entre o seu sexo e o gênero que almeja alcançar. Para que tal feito se realize, o sujeito transexual conta com o aperfeiçoamento das técnicas cirúrgicas e hormonais, que lhe garantam redesignar o seu sexo por meio da cirurgia (Moreira; Marcos, 2019, p. 594).

É, portanto, possível afirmar que o processo de transição é também uma construção de identidades culturais e sociais e que esse processo se inicia a partir do corpo da pessoa que se expressa do modo com o qual se identifica e que é sua marca, seu templo, em busca do acolhimento das diferenças que se apresentam, e que são sensíveis, visto que não existe uma única identidade transgênero, mas uma complexa rede de identidades que causam conflitos sociais, atualmente em debate (Villike *et al.*, 2019).

Estar em um corpo que não corresponde ao próprio gênero pode causar sofrimento intenso. Dito isso, o indivíduo pode decidir passar por procedimentos como parte do processo de transição de gênero, o que representa uma experiência individual e única para cada indivíduo. Esses procedimentos são chamados de redesignação de gênero, e envolve o uso de recursos para afirmar a identidade de gênero, como terapia hormonal, cirurgia de redesignação sexual e transgenitalização (Rocon *et al.*, 2020)

O termo passabilidade (do inglês *passing*), diz respeito à habilidade de ser reconhecido como cisgênero por outras pessoas. Alguns aspectos podem estar atrelado à busca pela passabilidade, como: pressão estética e cisnormativa, muitas pessoas trans sentem que precisam atingir certos padrões de beleza ou aparência cisgênera para serem aceitas, o que pode ser opressor, excludente e custoso (financeira e emocionalmente); privacidade, algumas pessoas trans desejam "passar" para preservar sua privacidade; privilégio, pois entende-se que quem tem mais passabilidade muitas vezes enfrenta menos discriminação e pessoas trans que não "passam" com facilidade tendem a ser mais vulneráveis (Billard, 2019).

Tendo em vista a cultura cisnormativa que estrutura as relações sociais

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

contemporâneas, emergem experiências nas quais o “passar”, isto é, ser percebido socialmente como pertencente a um grupo distinto daquele ao qual se é designado, pode representar tanto uma forma de segurança quanto um meio de acesso a direitos historicamente negados. Nesse contexto, consolidou-se o termo passabilidade, amplamente discutido em comunidades trans e nos estudos de gênero. Contudo, a experiência de passar não está isenta de tensões: muitas pessoas trans relatam o peso de uma expectativa implícita de revelação da própria trajetória, como se o silêncio pudesse ser interpretado como engano ou “armadilha” (Billard, 2019). Aspectos como a visibilidade, quando pessoas trans desejam ser visivelmente trans, contrariam a ideia da passabilidade e configura-se, além de tudo, como forma de afirmação política.

Em resumo, a passabilidade é um conceito que abrange tanto aspectos relacionados à segurança pessoal quanto às pressões sociais e identitárias. Embora possa atuar como fator de proteção contra a transfobia, também reforça expectativas sociais e pode invalidar as experiências de pessoas que não desejam ou não conseguem “passar”. Nesse sentido, a compreensão das vivências de mulheres trans acerca da transformação do corpo, por parte de profissionais da psicologia, é fundamental para que seja possível desempenhar um papel eficaz na promoção da autonomia, no cuidado integral e na garantia dos direitos dessas mulheres (Billard, 2019).

O papel da Psicologia, no sentido de promover autonomia, cuidado integral e garantia dos direitos dessas mulheres, encontra respaldo no Conselho Federal de Psicologia, que estabelece em seu Código de Ética, como primeiro princípio fundamental, que o trabalho do psicólogo deve se basear no respeito e na promoção da liberdade, dignidade, igualdade e integridade do ser humano, em consonância com os valores da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ao reconhecerem as especificidades e os desafios enfrentados por esse grupo, os profissionais de psicologia poderão qualificar-se e oferecer um suporte sensível, respeitoso e adaptado às necessidades de cada indivíduo, contribuindo, assim, para a construção de um ambiente mais inclusivo e seguro.

O presente estudo tem como objetivo compreender como é, para mulheres trans, a vivência do processo de transformação do corpo e a passabilidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, fundamentada no método fenomenológico,

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

que buscou ampliar conhecimentos sobre o tema, explorar vivências de mulheres trans em relação à transexualidade e à passabilidade e recodificá-las a partir da psicologia, a fim de compreender os sentidos e significados do fenômeno.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas não estruturadas, apoiadas no método empírico proposto por Amadeo Giorgi (2017), baseado na fenomenologia husserliana. Um dos princípios centrais dessa abordagem é a redução fenomenológica, a epoché, que implica a suspensão de crenças e teorias prévias, com o intuito de alcançar a compreensão (atribuição de sentido) do fenômeno.

Foram entrevistadas duas mulheres trans, com idade entre 25 e 30 anos, universitárias e, no momento, trabalham informalmente ou não trabalham. Ambas residem com a família de origem, e relataram não estarem em um relacionamento afetivo. Para garantir o sigilo e confidencialidade das participantes conforme as diretrizes éticas para pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, os nomes reais das participantes foram substituídos por nomes fictícios (Lívia e Amanda), ao longo de todo o trabalho, visando proteger suas identidades, sem comprometer a integridade e a compreensão dos dados apresentados.

O método envolve a descrição dos objetos intencionais, ou seja, a forma como os fenômenos se apresentam à consciência e as essências que se manifestam por meio dela (Husserl, 2006). Nesse contexto, assumiu-se uma atitude descritiva e atenta às experiências das entrevistadas, favorecendo uma escuta aberta e voltada à compreensão das vivências, tal como são experimentadas.

Giorgi (2017) destaca, nesse sentido, a relevância da utilização de perguntas abertas nas entrevistas, uma vez que possibilitam maior liberdade para que as participantes possam falar sobre suas experiências sem restrições, garantindo, assim, uma apreensão mais fiel da perspectiva do fenômeno vivido. Tendo em vista esse princípio, adotou-se como questão norteadora a indagação: “Conte-me: como é para você o processo de transição de gênero?”, permitindo que a experiência emergisse no tempo e ritmo de cada entrevistada.

Outras questões complementares, como “como é para você...” ou “como foi experienciar...”, também foram utilizadas, de modo a possibilitar um relato mais completo e aprofundado para o entendimento do fenômeno e de suas essências.

A análise dos dados foi conduzida a partir do método fenomenológico empírico proposto por Giorgi (2017), que adaptou os fundamentos da fenomenologia

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

husserliana, originalmente concebida no âmbito da filosofia, para o campo das pesquisas qualitativas em psicologia. Essa adaptação possibilitou que a fenomenologia deixasse de ser apenas uma abordagem filosófica e se constituísse também como um método sistemático de investigação descritiva, aplicável à compreensão da subjetividade em contextos concretos. As modificações introduzidas por Giorgi (2017) preservaram a ênfase na descrição rigorosa da experiência vivida, característica central da fenomenologia husserliana, mas adequaram o método às exigências científicas da pesquisa em psicologia, viabilizando sua utilização em investigações qualitativas.

O procedimento analítico foi desenvolvido em cinco passos. O primeiro consistiu na leitura integral do relato de cada participante, sem análises ou segmentações iniciais, com o objetivo de compreender o sentido global da experiência descrita e possibilitar a imersão no contexto da vivência.

O segundo passo envolveu a divisão do relato em unidades de significado, identificando, a partir de uma postura fenomenológica, mudanças no discurso que indicassem transformações na forma de viver ou interpretar a experiência, consideradas relevantes à compreensão do fenômeno.

O terceiro passo correspondeu à transformação das unidades de significado em linguagem psicológica, sem comprometer a fidelidade à experiência vivida, de modo a traduzir os significados implícitos em termos conceituais, preservando o conteúdo subjetivo original. Essa etapa exigiu cautela, evitando reduções teóricas e buscando ampliar a compreensão para o campo da psicologia.

O quarto passo consistiu na reconstrução do relato individual a partir dos significados elaborados, destacando elementos que se inter-relacionaram na constituição da vivência. Por fim, no quinto passo, foram identificados, a partir da análise dos relatos de todas as participantes, os aspectos comuns entre as experiências que dialogavam com a proposta da pesquisa. Esses aspectos foram sintetizados em uma descrição que buscou representar a essência do fenômeno estudado, sem generalizações, mas mantendo o compromisso com a complexidade e singularidade das experiências humanas (Giorgi, 2017).

**DESVELANDO OS SIGNIFICADOS DE SER-MULHER-EM-UM-CORPO-
TRANSGÊNERO: RESULTADOS**

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Foram encontradas sete unidades de significado e sentido nas entrevistas: Identidade; Corporeidade; Relações Interpessoais e o ser-com; Tempo Suspenso da Existência; Ser-Mulher; Impacto da Sociedade; Passabilidade; que permitiram desvelar variadas facetas do fenômeno em compreensão (experiência da vivência de transformação do corpo em mulheres trans). Essas categorias serão apresentadas a partir de reflexões à luz da psicologia fenomenológico-existencial, após a descrição da síntese compreensiva do sentido global das vivências das mulheres trans.

Síntese Compreensiva

As entrevistadas falaram sobre o primeiro pensamento, que se recordam, de que desde muito jovens, se compreendiam como mulheres, e como isso impactou, futuramente, no processo de “descoberta” e afirmação delas enquanto mulheres trans. Elas atribuíram esse pensamento, limpo de padrões sociais ou angústias, à ingenuidade da infância e a ludicidade dos pensamentos. E acrescentaram que, conforme cresceram, puderam compreender que carregavam isso dentro de si desde as primeiras memórias.

Elas também elucidaram sobre como é sentir o corpo mudar, acima de tudo, a sensação de ter os sentimentos mudando tão intensamente, de forma que elas entrem em contato com uma nova forma de experimentar o mundo.

Apresentaram, em suas falas, perspectivas que ponderam e explicam como se deram as mudanças físicas e seus impactos, citando o sentimento de clara satisfação com o corpo que se transforma.

Ademais, discorreram a respeito de como as transformações do corpo e as experiências de ser trans, causam impactos na forma como elas se relacionam com as outras pessoas, uma vez que esta forma de ser-no-mundo, pode gerar estranhamento no outro, impactando diretamente nas relações. As participantes relataram a experiência de estarem e se sentirem sozinhas, ainda que tenham, das pessoas que ocupam espaço de significância, acolhimento e respeito.

Ainda que temáticas convergentes apareçam nos relatos das mulheres entrevistadas, os elementos individuais desvelaram a singularidade de cada experiência e discurso.

O relato da Amanda evidencia um tempo da existência marcado pela suspensão: o adoecimento da mãe impõe uma pausa involuntária no processo de

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

afirmação de sua identidade. O corpo, nesse contexto, torna-se um território em disputa, entre o que se deseja ser e o que o tempo e as circunstâncias impõem, contribuindo para a percepção de que sua transição é atravessada por urgência e por impotência, demonstrando como o projeto de si é vulnerável à facticidade da vida, aos limites materiais e à própria finitude do corpo e dos recursos.

Livia, relata uma trajetória acompanhada de apoio médico (inclusive da mãe, também médica). A diferença de contexto entre ambas é marcante, e revela a divergência de acessos e possibilidades.

Enquanto para mulheres cis a feminilidade é transmitida social e culturalmente desde a infância, como aponta Amanda, para as mulheres trans esse processo acontece, muitas vezes, de modo autodidata e solitário. A fala da Amanda “eu estou sendo uma mulher sem saber como ser uma mulher” explicita a cisnormatividade da socialização de gênero, onde o pertencimento é ensinado. Amanda, ao compartilhar sobre aprendizado recente de cuidados com o cabelo, ilustra como o corpo feminino é construído socialmente e não apenas biologicamente.

Livia, por outro lado, expressa uma relação com a feminilidade mais voltada para a pragmática do corpo e da funcionalidade. Escolher roupas pelo tamanho, mais do que pelo gosto, por exemplo. Mas ainda que reconheça conquistas, há também o reconhecimento de que o caminho poderia ser menos árduo.

Dessa forma, observa-se convergência sobre o impacto da sociedade na constituição da identidade de gênero. Ambas expressam como a normatividade cisheterossexual impôs dúvidas e adiamentos. Amanda, ao relatar a tentativa de se encaixar na identidade de “homem gay” por receio de reforçar estigmas contra pessoas gays, revela como o olhar do outro pode moldar o próprio processo de identificação. Livia, por sua vez, descreve um processo gradual da compreensão da própria identidade, iniciando-se como pessoa não-binária, por considerar “ser uma menina trans algo muito radical”.

Assim, é possível compreender que, há, em ambas, o reconhecimento de que o “ser-trans” é atravessado por experiências precoces de negação, violência simbólica e vigilância social, que moldam um corpo muitas vezes à quem da própria pessoa: “meu corpo já teve uma mudança contra o meu consentimento” (Amanda). O corpo, antes de ser espaço de expressão da identidade, foi alvo da normatividade, forçado a significar algo que não correspondia ao vivido.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

A questão da passabilidade, se desvela a partir de duas perspectivas tão possíveis quanto importantes. A busca por passabilidade, segundo Livia, é como uma estratégia de segurança e reconhecimento, “ninguém quer ser desrespeitada, agredida ou chamada pelo pronome errado”. No entanto, a entrevistada também ressalta a emergência de uma postura reflexiva e crítica, que busca aceitar os limites e singularidades do próprio corpo, como a altura, a voz, o “gogó” visível. A passabilidade, aqui, é reconfigurada como uma experiência subjetiva, e não apenas como conformidade estética, “existe algo bonito nisso também”.

Eu sinto que toda pessoa trans busca a passabilidade. No geral. Porque ninguém quer... não sei, fora da curva, nenhuma pessoa trans, quer ser chamada pelo pronome errado. Ninguém quer ser agredida, tanto verbalmente quanto fisicamente, por ser quem é. Então assim, ser trans é legal, ser trans é bonito, mas a gente é ralé na humanidade. Nós somos, não querendo fazer um vitimismo, mas nós somos alvos do mundo, somos alvos (Livia).

[...] Mas eu reconheço que eu tenho uma altura, que eu tenho uma voz que não vai muito... Além desse timbre. Que eu tenho um gogó. Não vai muito pra fora, mas ele tá lá, tá visível. Então. Existe algo bonito nisso também, e a gente tem que apreciar (Livia).

REFLEXÕES À LUZ DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “Ser e Tempo”, Heidegger aborda o problema do ser do homem, empregando o método fenomenológico, formulado por seu mestre Edmund Husserl. (Heidegger, 1979, p. 6). Método esse que busca descrever os fenômenos como se apresentam à consciência, suspendendo pressuposições (epoché) e evitando tratá-los como “coisas em si”.

Para Husserl, a consciência intencional é sempre consciência de algo, isto é, responsável por atribuir sentido aos dados da experiência. Heidegger, por sua vez, retoma essa herança fenomenológica ao propor uma ontologia fundamental: não investigar apenas objetos de consciência, mas questionar o ser do ente, sobretudo por meio da análise existencial do Dasein (ser-aí). Assim, o método husserliano da descrição intencional dialoga com a proposta heideggeriana de uma interpretação existencial que situa o sujeito-ente em uma estrutura ontológica mais ampla, onde não apenas o sentido é dado, mas o ser do ente é questionado (Von Zuben, 2012).

Assim, psicólogos e pesquisadores contemporâneos como Forghieri, Feijoo e Trzan-Ávila discorrem sobre uma “Psicologia Fenomenológica” fundamentada no método fenomenológico de Husserl e na ontologia fundamental do ser do homem de

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Martin Heidegger, além de outros filósofos existenciais. Para compreender o fenômeno de ser-mulher-trans e as vivências relacionadas à passabilidade, torna-se indispensável a interlocução com a teoria Heideggeriana do Dasein, à noção de indeterminação originária, à experiência da angústia e aos modos-de-ser próprio e impróprio que configuram a existência humana.

O Compreender da *Identidade*

O primeiro fenômeno que desponta no discurso é a *Identidade*.

Nos dias atuais, a Identidade organiza nossas experiências de mundo e, conseqüentemente, aprisiona as possibilidades do existir humano dentro de categorias previamente dadas, e essa reflexão se faz necessária porque acreditamos que a princípio e na maioria das vezes cada homem busca afirmar uma identidade para si próprio (Trzan-Ávila, 2019, p. 56).

A identidade se apresenta inicialmente como memórias da infância de Amanda, “eu, quando eu era criança, fui convidada pra muito casamento, então eu vi muita noiva [...] então quando eu me imaginava no futuro, eu me imaginava naquele mesmo padrão”, o que se alinha à vivência das entrevistadas de que sempre foram quem sentem ser, uma vez que entende-se, a partir da noção de experiência pré-reflexiva, conforme proposta por Merleau-Ponty (1999), que a criança absorve o mundo antes de uma crítica, racionalização ou teoria.

Além disso, quando Lívia afirma que “todo menino quer ser menina”, é possível perceber a abertura da indeterminação originária do ser: a possibilidade para possibilidades (vir-a-ser), ao tentar expressar um desejo que ainda não se conforma às delimitações sociais. Nesse sentido, a identidade, muitas vezes definida a partir de critérios relacionais e pré-determinados entre sexo e gênero, é questionada quando pessoas apresentam um gênero incoerente com essas expectativas ou, de forma ainda mais complexa, quando escapam de todas as classificações normativas disponíveis em nossa cultura (Trzan-Ávila, 2019, p. 59).

E aí eu lembro de pensar assim enquanto criança, 'ah, eu gostaria de ser uma sereia'. E aí, outra parte minha respondia com uma boa pergunta. Por que não “sereio”, então? Por que não “sereio”, né? Já que você é um menino. A primeira parte, já que já vai ter magia, já que eu vou ser magicamente um bicho aquático, eu prefiro ser uma sereia do que um sereio. Desde criança. Parece meio bobo. Mas é uma coisa. Desde sempre. Eu cresci falando assim. Todo homem queria ser menina. Todo homem. O que não é verdade. Que eu fui racionalizar depois (Lívia).

A Identidade, neste horizonte da fala de Lívia, não é uma essência pré-dada a

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

ser descoberta, mas um projeto a ser realizado. Ao entrar em contato com sua indeterminação originária, Livia assume a responsabilidade por seu ter-de-ser, o que a leva a sustentar o estranhamento inerente à sua propriedade. Essa racionalização da diferença, encarada como uma possibilidade autêntica de seu Ser, é o que lhe permite desvelar o sentido de sua existência (Magliano, 2017).

A compreensão e interpretação de mundo da Livia revelou-se particular e própria, confrontando-se com a facticidade do mundo e suas determinações prévias (com aquilo que está posto de antemão), e sustentou a responsabilidade pela própria singularidade da identidade-de-ser-Livia-mulher-trans. Nesse movimento, a identidade manifesta-se não como um dado imutável, mas como tarefa existencial, sendo o modo pelo qual o ser-no-mundo se realiza e se assume, na medida em que a pessoa escolhe (ou se reconhece) no entrelaçamento entre o que lhe foi lançado e o que projeta como possível (Heidegger, 1979).

O Compreender da Corporeidade

Na perspectiva de Merleau-Ponty (1999), o corpo não é um objeto biológico, mas sim a dimensão primordial da *corporeidade*, sendo o sujeito essencialmente sujeito encarnado e a abertura pela qual o mundo se revela. A experiência de ser mulher trans, revelada nas falas das entrevistadas, manifesta-se neste horizonte: a identidade de gênero se constitui como um esquema corporal (Merleau-Ponty, 1999), uma forma ativa de ser e mover-se no mundo, anterior e mais fundamental que uma definição biológica ou social.

Quando as participantes expressam a vivência de "sempre terem sido quem sentem ser" ou de um corpo que não lhes pertence no sentido normativo, elas explicitam a tensão entre o corpo vivido (o que o sujeito sente e projeta) e o corpo objetivo (o que o mundo lhes impõe). Essa tensão é a demonstração de que a corporeidade é um ato de projeção de sentido, e não um dado meramente natural. Assim, a luta por legitimidade é uma busca por habitar autenticamente o próprio corpo, reafirmando-o como o centro de onde emana a sua relação com o Ser, ilustrado pela fala da Amanda:

E é muito louco, porque assim... Eu via a pele das meninas ficando cada vez mais cedosa. E eu olhava para a minha pele e falava assim... O que está acontecendo? Porque eu não estava ficando igual. E por mais que eu soubesse que a minha descrição era... Você não é uma menina, você é um menino, por todo o mundo. Família, sociedade, os professores... Até os próprios coleguinhas. Era uma coisa que eu já sabia que estava no caminho

que eu não queria seguir. E antes disso, a questão de roupa, a questão de maquiagem, a questão de separação de gênero também não me agradava (Amanda).

Em suma, a compreensão da *corporeidade* sobre a perspectiva do corpo como parte intrínseca da relação pessoa-contexto, ou seja, na revelação de corpo enquanto morada do ser-aí. Nesse sentido, é possível perceber a experiência do corpo reafirmando a identidade, bem como ilustra a fala da Livia “Óbvio que eu não vou sangrar, não vou ter a menstruação em si. Mas uma mulher trans pode ter a TPM e pode não ter. Eu talvez já tenha”, além disso, compreende-se o corpo como mediador daquele ser-no-mundo e suas vivências.

Na fenomenologia, isto significa dizer que a experiência é um fenômeno anterior ao próprio indivíduo (Câmara *et al.* 2016). No entendimento de Dentz (2008), é possível compreender o corpo como: o corpo-vivido (ou a subjetividade), como um entrelaçamento, uma tensão-dialética, "o corpo não está aberto, mas se abre para o mundo e a este visa como tal; e, em segundo momento, porque vive e experiencia o mundo, ele é transcendência-vivida deste ser-no-mundo" (Dentz, 2008, p. 299).

Eu acho que tudo começou a realmente pontuar muito forte na adolescência. No comecinho da pré adolescência eu já estava se sentindo diferente, por conta que o meu corpo, a forma que ele começou a mudar, foi diferente da forma que eu via outras meninas mudando. E não era aquilo que eu queria para mim (Amanda).

O Compreender das *Relações Interpessoais e o ser-com*

O fenômeno das *Relações Interpessoais e o ser-com* é elencado como desafiador, e ilumina o viés de solidão, como ilustra a seguinte fala da Amanda “[...] é uma cidade fechada. Que não permite que você procure um emprego livremente. É tudo família, ou indicação. É muito mais complicado. Então, eu fui me isolando cada vez mais dentro de casa. [...] E eu fui percebendo que ser uma pessoa trans também me isolava”.

É possível interpretar que a solidão surge de um lugar de expectativa de uma rede de apoio saudável e funcional desempenhada por aqueles que usualmente ocupam papel de significância. Pode-se exemplificar esta interpretação quando Livia diz que se sente bem porque é respeitada pelos amigos, “Na faculdade me respeitam, minhas amigas, meus amigos me respeitam, sabe? Então, eu acho que estou bem. Me elogiam. Não com o pronome certo. Me elogiam a roupa que eu uso. Então, eu acho que estou bem” ou com a seguinte fala da Amanda: “É um pouco mais solitário

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

também, sabe?! Por conta que todo esse processo, eu sozinha indo correr atrás. Não tem uma pessoa, tipo, me acompanhando, sabe?! Minha mãe, meu pai[...]”.

O trecho acima ilustra o que Heidegger diz sobre o homem projetar-se para o mundo enquanto um *ser-com*, o que, por sua vez, manifesta-se sobretudo no trabalho, mas mais profundamente na solicitude por outrem. (Heidegger 1979, p.10). Essa solidão existencial é uma condição ontológica fundamental, um sentimento de separação intrínseco à existência humana, é a experiência de estar sozinho diante do mundo e de suas próprias escolhas, sem ser uma patologia, mas sim uma tonalidade afetiva (Macedocouto *et al.*, 2017). Assim é possível notar o impacto das relações interpessoais, e sua importância, na vivência de transformação do corpo enquanto mulher trans.

Até aqui, discutiu-se sentidos que desvelaram-se atravessados de forma semelhante e próxima, nas falas das entrevistadas. A seguir, o enfoque é direcionado para temáticas em que há vivências mais distantes e divergentes ainda que o discurso revele o mesmo assunto.

O Compreender do *Tempo Suspenso da Existência*

A Temporalidade, na fenomenologia existencial, não se refere ao tempo objetivo do relógio, mas sim à estrutura fundamental do próprio Ser-aí. O passado e o presente são compreendidos a partir desse horizonte de projeção futura, o que significa que o tempo não é algo que o sujeito está, mas sim o modo como ele fundamentalmente é, desvelando o sentido da sua existência no mundo (Von Zuben, 2012).

A experiência do *Tempo Suspenso da Existência* é uma manifestação de sofrimento na qual a temporalidade autêntica é impedida ou distorcida. Isso ocorre quando o Futuro (o projeto e o vir-a-ser), é paralisado, impedindo a projeção de possibilidades significativas. Essa suspensão insere o indivíduo em um presente que se prolonga de forma monótona e indiferenciada, fazendo com que o tempo deixe de ser um horizonte de possibilidades, neste estado de paralisação existencial, o Ser-aí perde o horizonte de sentido (Macedocouto *et al.*, 2017).

[...] minha mãe adoeceu. Ela teve câncer em 2016. E aí, meio que, a minha prioridade que era... Eu entendi que eu sou uma pessoa trans. O meu corpo tá em desenvolvimento. Eu preciso acelerar o processo de hormonização pra que mudanças que eu não consigo reverter... Precisaria de cirurgia, no caso, sabe? Preciso correr atrás agora, enquanto eu ainda sou novinha. Enquanto meu corpo ainda não mudou. Resultado, eu não consegui correr atrás porque

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

minha mãe teve câncer. E a gente passou, tipo assim, de 2016 a quase 2018 só cuidando disso. Então, o foco se voltou pra ela. Tudo se voltou a ela.
(Amanda)

O Tempo Suspenso da Existência aparece, através das falas das entrevistadas, sob duas perspectivas, a da Livia “Maio de 2024, caiu minha ficha. Novembro, eu me assumi publicamente. E aí...deixa eu pensar, dezembro, minha mãe falou assim, minha mãe é médica, ela falou assim, ah, eu vou te ajudar do jeito que eu posso [...] Em janeiro eu já comecei o tratamento hormonal” (Lívia), e por outro lado, Amanda que, por diversas vezes interrompeu a mudança do próprio corpo por prioridades outras, vivenciando assim microagressões, bem como ilustra a seguinte fala: “eu já passei pela minha primeira transição da vida, que foi a que eu não queria, então o meu corpo já teve uma mudança, eu já senti essa mudança, e essa primeira mudança que o meu corpo sentiu contra o meu consentimento foi muito dolorosa” (Amanda).

Para Heidegger, o ser humano jamais seria um ser acabado e nunca seria tudo aquilo que pode ser; estaria sempre diante de uma série infinita de possibilidades, sobre as quais se projeta. Estabelecendo um estado de permanente tensão entre aquilo que o homem é e aquilo que virá-a-ser, essa projeção constituiria a inquietação. Essa, por sua vez, estrutura o ser do homem dentro da temporalidade, prendendo-o ao passado, mas, ao mesmo tempo, lançando-o para o futuro (Heidegger, 1979, p. X).

Não tendo coisa alguma do mundo como causa, a angústia teria sua fonte no mundo como um todo e em estado puro. O mundo surge diante do homem, aniquilando todas as coisas particulares que o rodeiam e, portanto, apontando para o nada. O homem sente-se, assim, como um *ser-para-a-morte* (Heidegger 1979, p.X).

Uma vez que a certeza da morte impõe a finitude, é comum que o indivíduo se enxergue em uma batalha contra o tempo, bem como demonstra o discurso da Amanda “preciso correr atrás agora, enquanto eu ainda sou novinha. Enquanto meu corpo ainda não mudou. Resultado, eu não consegui correr atrás porque minha mãe teve câncer”. Essa fala, que revela o ímpeto de realizar o projeto de Ser antes que a finitude corporal ou a contingência da vida a impeça, encontra sua base na facticidade do Dasein. Conforme a citação aponta “Ao fato de se estar inevitavelmente situado em um horizonte prévio imprescindível à compreensão designa-se a facticidade (*Fakticitat*) do Dasein, reconhecendo seu enredamento em um conjuntura histórica e,

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

portanto, finita” (Magliano, 2019, p. 33).

No discurso da Amanda é possível perceber como ela experienciou diversas vezes a angústia e frustração causada pelas diversas tentativas interrompidas, fosse em detrimento de sua pouca autonomia, questões familiares, ou ainda desafios financeiros, ou seja, a vida cotidiana. “Eu interrompi a mudança do meu corpo. Sem um médico. Porque eu não fui no médico para falar ‘olha, estou parando’. Porque eu ia ter que pagar mais 300 reais de consulta. Então foi um processo brusco (Amanda).”

O compreender do *Ser-mulher*

Segundo Heidegger (1979), produzir o mundo diante de si mesmo é, para o homem, projetar originariamente suas próprias possibilidades. “Ser-mulher” aqui, se desvela como um conflito entre a identidade e as possibilidades, partindo do pressuposto de que o homem (ser-aí) está capacitado a atribuir um sentido ao ser (Heidegger, 1979, p. X), como diz Livia sobre a experiência de comprar roupas “[...] e aí é meio difícil com algumas roupas, eu não vou muito no que eu acho bonito, eu vou no tamanho, vejo se cabe, se cabe eu vejo se eu gosto, se eu gosto eu compro. No momento tenho me dado bem. Não está sendo tão difícil quanto eu achei que seria. Mas poderia ser mais fácil”.

As entrevistadas vivenciam que “ser-mulher” é algo entre a subjetividade e a objetividade, ou seja, aquilo que experimentam de maneira mais própria e aquilo que é articulado pelo mundo, como ilustra a seguinte fala da Amanda “Uma coisa que eu falo é, mulheres são ensinadas a ser mulher desde quando elas nascem, vocês vêm do berço sendo quem vocês são e são criadas dessa forma, a gente não, é meio que de forma independente. Então, a gente vai aprendendo no acerto e no erro, sabe?!”

Conforme Heidegger (1979), o *dasein* não pode ser compreendido como uma “folha em branco”, uma vez que ele já está inserido em uma conjuntura histórica e cultural pré-determinada, ou seja, é um ser-lançado. A condição de o Ser-aí (*Dasein*) não ser uma “folha em branco” é explicada pela sua facticidade, que o define como um ser-lançado em uma realidade histórica e social já constituída. Essa situação inelutável significa que o indivíduo não escolhe o contexto de sua existência, mas é, de partida, confrontado com um mundo que precede a sua vontade (Heidegger, 1979)

“O ser-aí, para ser, precisa se mostrar de maneira imprópria, para que possa em algum dia vir a ser de maneira própria” (Trzan-Ávila, 2019, p. 162). Dessa maneira,

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

a fenomenologia compreende esse movimento de busca como algo importante, lembrando que, a impropriedade do ser-aí não diz menos e nem em grau “inferior” de ser, porque entende-se que a impropriedade pode determinar toda a concreção do ser-aí em suas ocupações, estímulos, interesses e prazeres (Trzan-Ávila, 2019, p. 163).

O compreender do *impacto da (na) sociedade*

A partir da perspectiva fenomenológico-existencial, o impacto da sociedade sobre o indivíduo não pode ser entendido como algo externo ou meramente imposto, mas como parte constitutiva de seu próprio ser-no-mundo. O olhar volta-se, então, para um contexto menos individual e mais compartilhado, ou seja, o mundo do convívio e das referências comuns, no qual o ser humano está sempre inserido (Heidegger, 1979).

Essa reflexão revela que os aspectos culturais não apenas influenciam, mas também participam ativamente da constituição do modo de ser de cada pessoa. Assim, a identidade não é um dado fixo, mas um processo em contínuo movimento, atravessado por dúvidas, questionamentos e possibilidades, no qual o sujeito se compreende e se projeta em meio às condições históricas e factuais de sua existência (Heidegger, 1979).

Porque eu nunca me sentia exatamente um menino. Minha vida toda. Ah, menino gosta de jogar bola. Eu sempre odiei futebol, nunca tive time de futebol. Nunca gostei de jogar futebol, não assistia futebol. Então, sabe, é um exemplo meio besta, mas é uma coisa que assim, ah, menino faz isso, eu não faço, não gosto, e aí? (Lívia)

O “Existir é sempre performatizar, mesmo uma existência ‘impessoal’ não criativa e estereotipadas, ainda é uma existência performática” (Trzan-Ávila, 2019, p. 200). Assim, o ser-aí percebesse-se em uma situação de escolher responsabilizar-se por sua singularidade, e da forma que isso perpassará suas experiências.

Além disso, em seus discursos, as entrevistadas evidenciam o modo como o olhar social e os pré-conceitos historicamente constituídos se inscrevem em sua existência, afetando a possibilidade de reconhecer-se e afirmar-se em sua própria singularidade, ou seja, o ser-com-os-outros não é algo que se adiciona posteriormente à existência, mas sim um existencial constitutivo. O mundo do *Dasein* é, portanto, um mundo compartilhado, no qual o ‘quem’ do ser-aí é, na maioria das vezes, determinado pelo impessoal (Heidegger, 1979) “Eu sabia que eu era trans, mas ser uma menina trans era muito radical. Então eu fui por esse primeiro passo, se assumir pessoa não-

binária” (Amanda).

A minha questão de gênero é...sempre a feminilidade vindo em primeiro lugar. Sempre causou o interesse das pessoas de falar sobre sexualidade comigo. E eu acho isso uma coisa muito louca, porque, assim, pessoas falavam comigo, ou apontavam coisas de sexualidade comigo desde uma infância muito nova. Pisei na escola, já começou. E aí eu fui acumulando muitas dessas experiências, sabe? Tipo, muita negação, muito comportamento de adultos sendo irresponsáveis comigo. Das crenças deles sobre mim, que eu não tinha obrigação nenhuma (Lívia) .

Sob a ótica heideggeriana, o ser humano é sempre um ser-com-os-outros (Mitsein), lançado em um mundo já interpretado e marcado por significados culturais compartilhados (Heidegger 1979, p. 125). Nesse contexto, o olhar do outro e as normas sociais configuram dimensões de sua facticidade, aquilo que é dado e do qual não se pode escapar, podendo conduzir a modos de ser inautênticos, quando a pessoa se compreende a partir das expectativas alheias. Entretanto, compreende-se que, é justamente no confronto com essas determinações que pode emergir a possibilidade de um modo de ser mais próprio, em que o sujeito se apropria de sua existência e afirma sua singularidade diante do mundo (Heidegger, 1979).

O compreender da *Passabilidade*

Aqui, a passabilidade desvela-se como uma temática de sentidos múltiplos, uma vez que, no horizonte da fenomenologia existencial, bem como propõe Heidegger, pode ser compreendida como mais do que uma condição socialmente atribuída, manifestando-se como um modo de ser-no-mundo, atravessado pelo olhar do outro e pelas possibilidades de existir que se abrem ou se restringem nesse encontro (Heidegger, 1979).

Eu sinto que toda pessoa trans busca a passabilidade. No geral. Porque ninguém quer... não sei, ser fora da curva, nenhuma pessoa trans, quer ser chamada pelo pronome errado. Ninguém quer ser agredida, tanto verbalmente quanto fisicamente, por ser quem é. Então assim, ser trans é legal, ser trans é bonito, mas a gente é ralé na humanidade (Lívia).

A fala acima evidencia a passabilidade como um fenômeno que ultrapassa o mero reconhecimento social, desvelando-se como uma forma de ser-no-mundo. A busca por “passar” aparece associada à necessidade de segurança e pertencimento, evidenciando como a busca por legitimidade identitária norteia o desejo da passabilidade.

Tal fronteira comparativa fez com que pessoas trans buscassem adequação ao ‘modelo’ cisgênero, o que fez surgir o termo designado como

passabilidade, que pode ser traduzido no quanto uma pessoa trans se parece, ou passa por cisgênero, conceito baseado na imagem, onde a aparência dita quem pode, ou não, acessar espaços e direitos, vindo a ser o habeas corpus para viver em sociedade sem sofrer violências, violações, discriminações, preconceitos e sanções (Rodrigues, 2023, p. 26).

Sob a ótica heideggeriana, esse movimento revela o ser-com, estrutura fundamental da existência, em que o Dasein está sempre lançado em um mundo compartilhado e atravessado pelas expectativas e significações coletivas (Heidegger, 1979). Lembrando que, Heidegger leva em consideração o mundo como horizonte histórico de sentidos, em que este é que torna possível que o fenômeno da existência se mostre em seu próprio campo de mostraçã (Trzan-Ávila, 2019, p. 115).

Queria eu passar? Queria eu ser sempre chamada de senhora, de moça? Queria. Mas eu reconheço que eu tenho uma altura, que eu tenho uma voz que não vai muito... Além desse timbre. Que eu tenho um gogó. Não vai muito pra fora, mas ele tá lá, tá visível. Então. Existe algo bonito nisso também, e a gente tem que apreciar. Então a passabilidade é extremamente subjetiva (Lívia).

Já nessa segunda fala, quando Lívia reconhece as características de seu corpo e afirma que “existe algo bonito nisso também”, emerge a possibilidade de uma relação mais autêntica com sua facticidade, isto é, com aquilo que é dado e inescapável em sua existência. Nesse gesto de aceitação, a passabilidade adquire um sentido singular, mais autêntico, revelando a tensão entre o desejo de reconhecimento e a apropriação do próprio modo-de-ser. Assim, sob a perspectiva fenomenológico-existencial, a passabilidade não se reduz a uma norma imposta, mas se mostra como um campo de possibilidades em que o ser trans se descobre, se compreende e se projeta no mundo (Heidegger, 1979).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou uma aproximação sensível e compreensiva da experiência vivida por mulheres trans, a partir do método fenomenológico. O exercício de escuta e descrição das falas revelou a complexidade e a singularidade de cada trajetória, mostrando que os fenômenos se manifestam de formas únicas conforme a inseparabilidade entre o Dasein e o mundo em que vive, o corpo e o modo-de-ser de cada participante.

Faz-se necessário pontuar que, foi desafiador encontrar participantes para realização da pesquisa. Ainda que as pesquisadoras tenham movido todos os

**Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.**

recursos ao seu alcance, foi preciso trabalhar com um número reduzido de participantes.

Apesar do número reduzido de entrevistadas, a profundidade das narrativas permitiu um aprofundamento autêntico nas vivências apresentadas, sustentando a proposta fenomenológica de privilegiar a essência da experiência sobre a quantidade de dados. Tal limitação numérica, longe de empobrecer o estudo, reforça a importância de um olhar qualitativo, que acolhe a complexidade do vivido em sua totalidade.

A partir do encontro com essas mulheres, tornou-se evidente uma lacuna nas produções acadêmicas, que se limitam a abordar aspectos ligados às políticas públicas ou às dores do ser-trans, sem contemplar a amplitude das suas existências e possibilidades de ser.

Assim, este trabalho buscou iluminar as nuances, potências e modos-de-ser que emergiram no processo de transformação e reconhecimento de si. Elencando as dores e desafios, quando presentes, mas permitindo explorar as unidades de sentido que desvelaram-se.

Por fim, esta pesquisa reafirma a relevância da pesquisa, escuta e fala fenomenológica, como caminho para compreender experiências humanas que desafiam categorias fixas e generalizações, reconhecendo a importância de se voltar à singularidade de cada um para a compreensão dos fenômenos humanos.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para ampliar o diálogo sobre as vivências de pessoas trans na psicologia, inspirando novos olhares, pesquisas e práticas mais sensíveis e comprometidas com a singularidade do ser.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **Guidelines for psychological practice with transgender and gender nonconforming people**. Washington, DC: APA, 2015. Disponível em: <https://www.apa.org/practice/guidelines/transgender.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.

BILLARD, Thomas J. "Passing" and the Politics of Deception: transgender bodies, cisgender aesthetics, and the policing of inconspicuous marginal identities. In: DOCAN-MORGAN, Tony (ed.). **The Palgrave Handbook of Deceptive Communication**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019. p. 463-477. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-96334-1_24. Acesso em: 31 mar. 2025.

BRANDÃO, Z. A dialética macro/micro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 153-165, jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/bLYVCGRqgZKkmppCrTbvCXw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 mar. 2025

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.707/GM, de 18 de agosto de 2008. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Disponível em: orientacoes-para-habilitacao-processo-trans.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.803/GM, de 19 de novembro de 2013. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html. Acesso em: 30 mar. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA, Helder Cavalcante. et al. O resgate da subjetividade: diferentes olhares. **Holos**, [s.l.], v. 3, p. 305–318, 2016. DOI: 10.15628/holos.2016.3649. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3649>. Acesso em: 13 out. 2025.

DENTZ (FAM/PUCSP), René Armand. Corporeidade e subjetividade em merleau-ponty. **Intuitio**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 296–307, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/intuitio/article/view/4238>. Acesso em: 13 out. 2025.

GIORGI, Amedeo. The descriptive phenomenological psychological method. In:

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.**

WILLIG, Carla; ROGERS, Wendy Stainton (ed.). **The SAGE handbook of qualitative research in psychology**. 2. ed. London: SAGE, 2017. p. 176–192.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/318451180_The_Descriptive_Phenomenological_Psychological_Method. Acesso em: 13 maio 2025.

HEIDEGGER, M. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

IRINEU, R. A. et al. Adaptação transcultural para o português brasileiro do Vocal Congruence Scale e Transgender Congruence Scale. **CoDAS**, [s.l.], v. 36, n. 2, p.1-8, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/codas/a/4qypBdQ5vbn7rZVHy84QyqR/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8891647/mod_resource/content/0/inventando%20o%20sexo%20-%20laqueur.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Educ; Moraes, 1989.

MACEDOCOUTO, Graco Silva; et al. Solidão: do patológico ao ontológico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 11-28, jan./abr. 2017.

Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000100002. Acesso em: 30 out. 2025.

MAGLIANO, Fernando da Rocha. **Apropriação de sentido e liberdade: uma aproximação entre meditação (*Besinnung*) e clínica psicológica**. 2017. 302 f.

Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/15039/1/Tese_Fernando%20da%20Rocha%20Magliano.pdf. Acesso em: 30 out. 2025

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos V. de M. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em:

https://monoskop.org/images/0/07/Merleau_Ponty_Maurice_Fenomenologia_da_percep%C3%A7%C3%A3o_1999.pdf. Acesso em 30 out. 2025.

MOREIRA, Euza; MARCOS, Cristina. Breve percurso histórico acerca da transexualidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 593–609, ago. 2019. DOI: 10.5752/P.1678-9563.2019v25n2p593-609. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000200013. Acesso em: 05 abr. 2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.**

ROCON, P. C. et al. Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s.l.], v. 23, p.1-14, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/KfsPfJt3kBvPky8CVcSy5wL/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

ROCON, P. C. et al. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 8, p. 2517–2526, ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/zGJyVqQ6WGjygRzLqfd8vRD/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

ROCON, P. C. et al. Vidas após a cirurgia de redesignação sexual: sentidos produzidos para gênero e transexualidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 6, p. 2347–2356, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4sX9R9TRSNk4hzdC8dwrsQb/?format=html&lang=pt#>. Acesso em: 30 mar. 2025.

RODRIGUES, C, Júlia Naomi. **Passabilidade e possibilidades**. 2023. 200f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/480/4/2JULIANAOMI.pdf>. Acesso em: 30 out 2025

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

TRANSRESPECT. **Trans murder monitoring 2023 global update**. 2023. Disponível em: <https://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring-2023/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

VILLIKE, L. P. et al. Processo de identificação do transgênero e suas implicações sociais, psicológicas e afetivas. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC-MG**, [s.l.], v. 4, n. 8, p. 287–307, dez. 2019. Disponível em: <https://doaj.org/article/6e86a65fda4e4e2cba18627a2241eca8>. Acesso em: 05 abr. 2025.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/16320788/A_Amostragem_em_Bola_de_Neve_na_pesquisa_qualitativa_um_debate_em_aberto. Acesso em: 05 abr. 2025.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. A Fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 11-26, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/S88GZKLhd9TXk4b9w4vQYcr/>. Acesso em: 31 out. 2025.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.